

MINISTÉRIO DA CIDADANIA INSTITUTO TOMIE OHTAKE AKZONOBEL apresentam

PRÊMIO DE
ARQUITETURA
2019

**INSTITUTO
TOMIE OHTAKE
AkzoNobel**

PATROCÍNIO

IDEALIZAÇÃO/REALIZAÇÃO

APOIO

APOIO DE MÍDIA

REALIZAÇÃO



AkzoNobel



ARCHIE

arco

ARCHYOUW
COWORKING

CULTURA FM 103.3

FOLHA
O DIA DA PAZ E DA LIBerdade



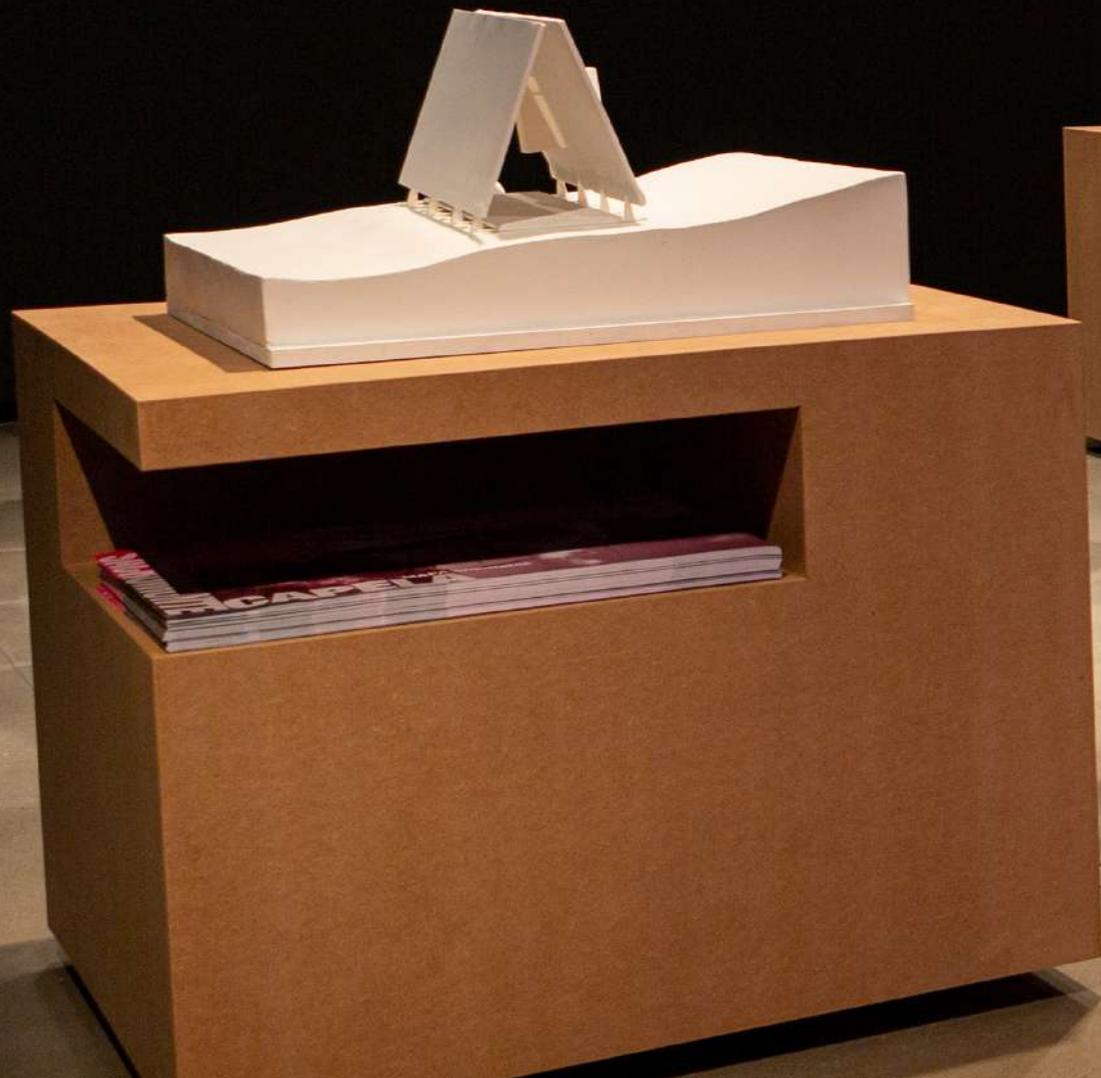
PROJETO

vitruvius
vitruvius
vitruvius

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA









SAIDA
EXIT

TIME OUT TAKE

Architectural model of the building's layout, showing the main structure and surrounding areas.

Buscando sempre ampliar o seu alcance e diversificação, o *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel* chega à sua 6ª edição reiterando o papel que vem exercendo, desde 2013, em mapear e reconhecer projetos inovadores da produção brasileira contemporânea.

O número crescente de inscrições confirmou-se mais uma vez nesta edição, endossando a necessidade de iniciativas como esta em um contexto ainda carente de encontros e diagnósticos. O Prêmio, que iniciou sua trajetória com 95 inscritos, alcançou em 2019 a participação de 391 projetos, dos quais 282 são da categoria “Profissionais” e 109 da categoria “Universitários”, esta última uma das novidades da edição deste ano, com o tema “Revitalização, Requalificação, Renovação”. A categoria contou com a contribuição de projetos de dezenas de universidades em todo o país. O tema, de extrema relevância para a discussão hoje, aponta para a previsão de novos usos dos patrimônios histórico e industrial nas zonas centrais das capitais brasileiras, fadados ao abandono e ao desuso. A iniciativa buscou provocar estudantes a problematizarem

questões urbanas urgentes como os *deficits* de habitação social, bem como a necessidade de novos equipamentos e usos em áreas carentes de revitalização e requalificação de seus espaços. Cada uma das categorias traz premiações de extrema importância para a trajetória profissional desses arquitetos e estudantes, contando com um estágio remunerado em escritório de arquitetura renomado e viagens para Paris, na França.

O Comitê de Indicação de Projetos, iniciativa inaugurada na edição de 2018, manteve-se este ano, cumprindo a importante premissa de capilarizar as inscrições pelo território e assim aproximar o Prêmio de um mapeamento mais efetivo da produção nacional. O Comitê foi formado pelos arquitetos Camilla Thiesen, Diego Mauro, Gabriela de Matos, Guilherme Pianca e Marcela Alonso, com o intuito de indicar projetos para que se inscrevessem e participassem da seleção.

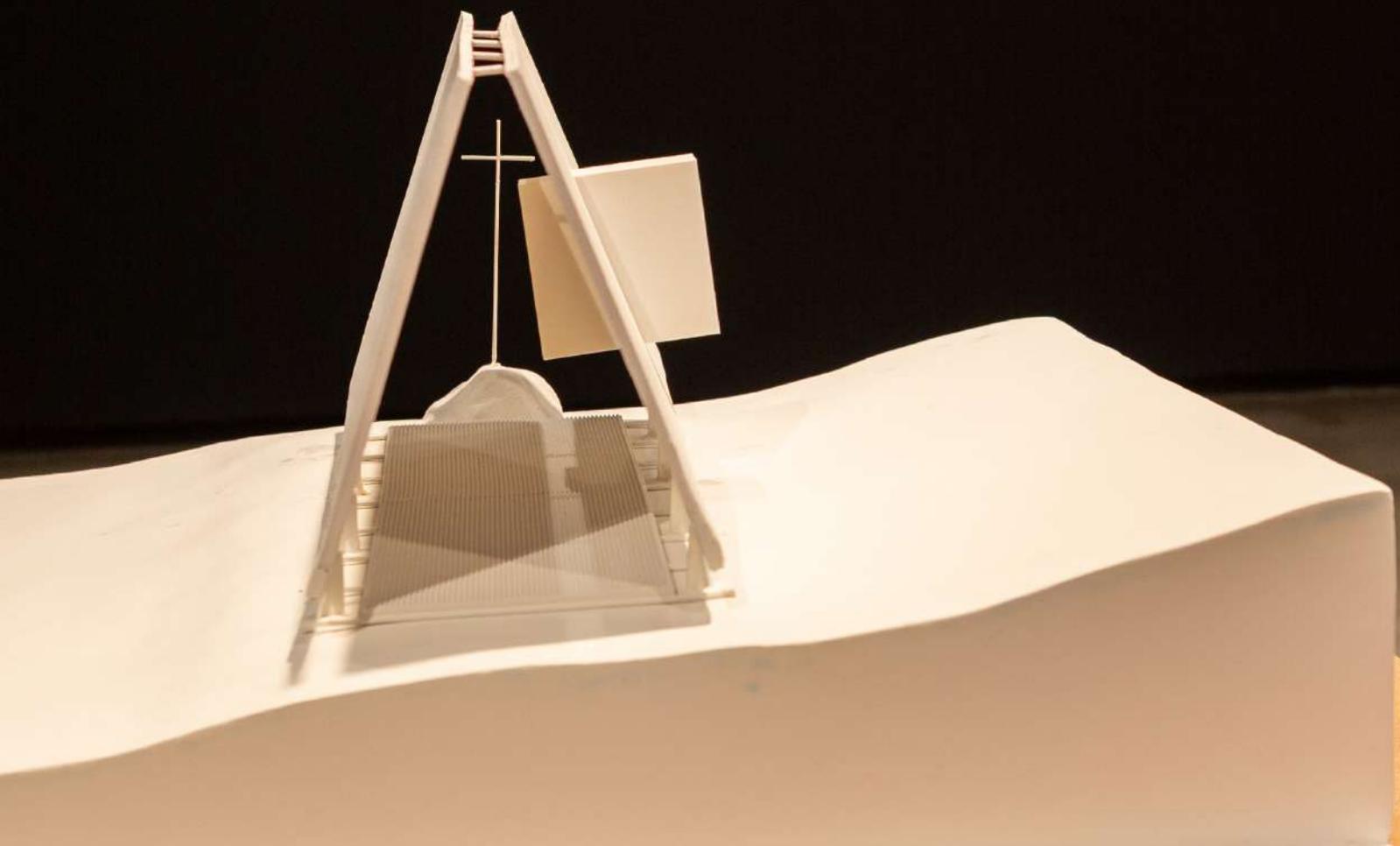
Além da diversificação de programas e soluções inscritas em todo o país, outro dado importante é o número de estados representados: este ano, foram 17 e o Distrito Federal, com a presença do Maranhão pela primeira vez. Além disso, vale mencionar que foram recebidos

projetos construídos na Espanha, Hungria, Itália e Portugal, expandindo ainda mais o âmbito de atuação do Prêmio. A primeira edição da categoria “Universitários”, por sua vez, atingiu 14 estados e o Distrito Federal, e chama atenção a presença majoritária de mulheres nessa categoria, totalizando 61% dos inscritos. A seleção dos projetos foi realizada por júri especializado com profissionais

de distintas atuações, cujas vivências contribuíram para uma rica problematização do quadro geral de inscritos. As arquitetas Helena Ayoub Silva, Joice Berth e Priscyla Gomes e os arquitetos Héctor Vigliacca e Pedro Vada compuseram o corpo de jurados responsável por esta edição, cuja exposição permite ao público desfrutar de mais detalhes de algumas dessas propostas. Ao mesmo tempo que foram destacados projetos já reconhecidos por sua excelência – trazendo-os à exposição com o devido destaque –, o júri teve como diretriz evidenciar ao público iniciativas e projetos ainda não tão conhecidos. A proposta visa reforçar o caráter do Prêmio de ser uma plataforma de visibilização dessas propostas e propiciar a escritórios e profissionais uma experiência enriquecedora com as viagens oferecidas.

Reiteramos a fundamental parceria com a AkzoNobel, sem a qual não haveria a possibilidade de renovar esse quadro de discussões sobre a produção contemporânea brasileira. Nossos agradecimentos também ao Ministério da Cidadania que, por intermédio da Lei de Incentivo à Cultura, mantém o compromisso de trazer ao público iniciativas plurais do campo das artes, arquitetura e cultura nacionais.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE



A ARQUITETURA COMO MANIFESTAÇÃO DE AFETO AO ESPAÇO URBANO

É muito gratificante para a AkzoNobel estar ao lado do Instituto Tomie Ohtake na idealização e amadurecimento do Prêmio de Arquitetura e chegar à sua 6ª edição encontrando propostas direcionadas ao bem-estar social e ambiental, iniciativas que vêm ao encontro de nossa própria essência.

Em 2019, atingimos o marco de mil projetos mapeados pelo Prêmio e lançamos a categoria “Universitários”, que agrega novas gerações ao contexto dando voz para uma pluralidade de soluções trazidas por esse público, no qual acreditamos muito para alavancar necessárias mudanças e consequentes inovações.

Entre os finalistas, a “Beacon School” – espaço inclusivo e holístico

em forma de escola – traz o perene comprometimento com a sociedade em seu arranjo, parte fundamental da nossa atuação como companhia em todos os países nos quais estamos. Assim como ela, diversos outros projetos – a “Casa das Birutas”, por exemplo – são direcionados pela sustentabilidade, tema que compõe nossa razão de ser como companhia. Com entusiasmo, vemos esse campo se expandindo e enraizando em diversos tipos de iniciativas ao redor do mundo.

“Da Ocupação se faz Arquitetura”, por sua vez, personifica a busca pelo uso consciente e civilizado da cidade, reforçando a importância de pertencer a um espaço e se identificar com ele, algo que

buscamos primordialmente por meio do nosso movimento sociocultural Tudo de Cor, que vive em 2019, como o *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel*, um momento único: a celebração dos seus 10 anos, com mais de 1.800 projetos entregues e mais de 60 mil vidas impactadas.

Temos orgulho em fazer parte de um reconhecimento como esse, direcionado por uma motivação construtiva e agregadora, reforçando algo em que acredito, brilhantemente definido pelo historiador e filósofo israelita Yuval Noah Harari: “A reação mais comum da mente humana a uma conquista não é a satisfação, mas o anseio por mais”.

Por isso, parablenizo todos os vencedores da edição 2019 do *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel* e desejo que essa conquista se torne não o ponto de chegada, mas uma nova largada para tudo que ainda podem construir e conquistar. Ganhamos cada um de nós, ganha a arquitetura, ganha a sociedade.

DANIEL GEIGER CAMPOS
Presidente AkzoNobel América do Sul



PRÊMIO DE ARQUITETURA 2019

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

AkzoNobel

A PRAIA E O TEMPO



[CATEGORIA PROFISSIONAIS]

PREMIADO
A PRAIA E O TEMPO

Arquitetura gru.a grupo de arquitetos/Pedro Varella
A instalação parte de duas operações combinadas: a demarcação do território e a movimentação do solo, para delinear uma paisagem topográfica efêmera. A transposição de porções de areia e o desenho de uma estrutura quadrilátera similar a um banco definem um palco aberto destinado não somente às atividades do Festival, e também uma área de convívio.

PREMIADO
BEACON SCHOOL

Arquitetura Andrade Morettin/Vinicius Andrade|Marcelo Morettin|Marcelo Maia Rosa|Renata Andrullis | GOAA Gusmão Otero Arquitetos Associados/Guido Otero|Ricardo Gusmão
A escola combina um projeto pedagógico inovador com o restauro de galpões industriais em desuso, construídos em um antigo bairro na área central de São Paulo.

PREMIADO
CASA 239

Arquitetura Una Arquitetos/Cristiane Muniz|Fábio Valentim|Fernanda Barbara|Fernando Viégas
Uma jabuticabeira de cinco décadas localizada no centro do lote determinou a conformação da

casa definida por dois braços em "L" que dividem seus ambientes. Ao pátio interno v o l t a m - s e todas as atenções, através de amplas aberturas filtradas pela presença de venezianas e lúdicos painéis coloridos.

MENÇÃO HONROSA SUSTENTABILIDADE
CASA DAS BIRUTAS

Arquitetura Gera Brasil Arquitetura e Consultoria/Karen Miyabe Ueda|Nilce Pinho|Antonio Carlos Vissotto Jr.

Projeto exemplo de sustentabilidade, a casa de montanha foi planejada para ser autossuficiente em energia, adequada à captação e ao tratamento de águas. A cobertura, executada a partir de uma estrutura em bambus, destaca-se como elemento central de sua composição.

MENÇÃO HONROSA COR
SEDE CASTANHAS DE CAJU

Arquitetura Estúdio Flume/Christian Teshirogi|Noelia Monteiro
O projeto propôs transformar uma pequena casa em Nova Vida, no Maranhão, em sede da produção de castanhas de caju para uma cooperativa de seis mulheres, levando em conta as especificidades da atividade e princípios bioclimáticos.



BEACON SCHOOL



CASA 239



CASA DAS BIRUTAS

SEDE CASTANHAS DE CAJU
CAPELA EM SACROMONTE



CASA PEQUI



CASA VILA RICA



MENÇÃO HONROSA

CAPELA EM SACROMONTE

Arquitetura MAPA Arquitetos

Projetada em estrutura pré-fabricada, a Capela é marcada por sua austeridade e singeleza. Dois planos de madeira configuram o espaço delimitante, com aberturas que permitem a visualização da paisagem fazendo desta um elemento de contemplação e transcendência.

CASA PEQUI

Arquitetura Perelopes Arquitetura/Renato Pereira Lopes | Danielly Daudt Fontoura

Localizado na zona rural de Palmas, Tocantins, este projeto, de volumetria e materiais simples, levou em conta o pequizeiro no centro do terreno, a preservação da vista para a serra e as altas temperaturas da região.

CASA VILA RICA

Arquitetura BLOCO Arquitetos/Daniel Mangabeira | Henrique Coutinho | Matheus Seco

O contato constante com a natureza, a intervenção mínima na topografia e o emprego de materiais aparentes são muito marcantes nesta casa, disposta em dois pavilhões levemente suspensos e com circulações abertas para o entorno.

ESTAÇÃO SÃO PAULO-MORUMBI



DA OCUPAÇÃO SE FAZ A ARQUITETURA

[CATEGORIA UNIVERSITÁRIOS]

PREMIADO

DA OCUPAÇÃO SE FAZ ARQUITETURA

Arquitetura Francisco Lucas Costa Silva Orientação Solange Maria de Oliveira Schramm Instituição de ensino Universidade Federal do Ceará - UFC

Por meio da utilização de edifícios abandonados e subutilizados na região central de Fortaleza, o projeto visa articular edificação e cidade revitalizando espaços inativos. Os usos propostos para esses vazios englobam programas institucionais e culturais, intervindo inclusive no passeio público.

MORRO DA VIÚVA

Arquitetura Eduardo Romano | Bruno Bins Orientação Gabriel Duarte | Marcos Favero | Luciano Alvares | Leonardo Lattavo Instituição de ensino Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

A concepção do projeto baseou-se na necessidade de criar uma estrutura que devolvesse ao Morro da Viúva sua vocação de marco na paisagem. Para isso, o projeto prevê um edifício que toma partido da vegetação e da permeabilidade ao entorno para sua implantação..

PRAÇA DAS ÁGUAS

Arquitetura Danielle Khoury Gregório | Raquel Khoury Gregório Instituição de ensino Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade de São Paulo - USP

Projeto de centro aquático em praça histórica de Barcelona busca fazer do local um espaço de lazer e convivência sem quebrar a relação visual entre os monumentos históricos presentes no local. Por meio da relação entre homem, arquitetura e água, o projeto revitaliza, requalifica e renova a praça, em um dos pontos mais importantes da cidade.

COBERTURAS NO XINGU



PAVILHÃO NUVEM



RENOVAÇÃO DA BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO



MORRO DA VIÚVA



PRAÇA DAS ÁGUAS



PRÊMIO DE
ARQUITETURA
2019

**INSTITUTO
TOMIE OHTAKE
AkzoNobel**

[PROJETOS DE RECONHECIDA EXCELÊNCIA]

Os projetos apresentados nesse núcleo foram elencados pelo júri deste ano visando destacá-los como exemplares da produção arquitetônica atual. A razão para a disposição deste núcleo, que se soma aos demais projetos apresentados nas salas anexas, é diferenciá-los quanto a um critério primordial da seleção nesta edição. O júri, tomando como referência principal a possibilidade de ter no Prêmio uma plataforma de visibilização aos projetos, decidiu agrupar alguns dos inscritos cuja repercussão editorial, difusão e a participação em concursos já se deu de maneira notória e extensiva. Trata-se de projetos reconhecidos e visibilizados, mesmo assim fazia-se determinante colocá-los junto ao mapeamento desta edição. Um destaque que tem como principal norte reforçar a diversidade e potência da produção brasileira atual, explorando diferentes localidades e programas.



CASA DE FINAL DE SEMANA EM SP

CASA DE FINAL DE SEMANA EM SÃO PAULO

Arquitetura **SPBR** Arquitetos Angelo Bucci, autor principal | Milton Suenaga | Tatiana Ozzetti | Ciro Miguel | Eric Ennser | João Paulo Meirelles de Faria | Juliana Braga | Fernanda Cavallaro | Victor Próspero. A casa é uma proposta de subversão da já instituída noção de deslocar-se da metrópole para obter silêncio e refúgio. Localizada ainda nas proximidades da região central de São Paulo, seu projeto visa apostar no tríptico “piscina, solário e jardim” como elementos principais para dar enfoque ao lazer como programa. Desse modo, a metrópole se torna um lugar possível para estar e desfrutar dos fins de semana. Assim, os elementos geralmente considerados secundários em uma casa tornam-se primordiais.

A piscina elevada, disposta na cobertura, é um dos elementos mais marcantes do projeto. A proposta surgiu da necessidade de conciliar as restrições do lote, que sofria com as intervenções do entorno na incidência solar. Ao elevar a piscina, o programa ganhou nova especificidade e a área, incidência de luz durante todo o dia.

CONJUNTO HABITACIONAL JARDIM EDITE

Arquitetura **MMBB / H+F** arquitetos/Eduardo Ferroni | Fernando de Mello Franco | Marta Moreira | Milton Braga | Pablo Hereñú

Concebido para ocupar o lugar da favela que levava o mesmo nome, o Conjunto Habitacional do Jardim Edite situa-se numa das áreas mais significativas do recente crescimento do setor financeiro e de serviços de São Paulo: o cruzamento das avenidas Engenheiro Luís Carlos Berrini e Jornalista Roberto Marinho. Um dos principais desafios ao projeto, além de uma complexa articulação com o poder público sobre a destinação da área, era garantir a integração do núcleo de habitação social ao seu entorno. Para isso, previu-se a verticalização do programa de moradia aliado a um embasamento constituído por três equipamentos públicos – um restaurante-escola, uma Unidade Básica de Saúde e uma Creche – orientados tanto para a comunidade moradora como para o público das grandes empresas próximas. A cobertura desses equipamentos propicia uma interligação entre os edifícios de moradia propondo um programa de lazer



VISTA DA EXPOSIÇÃO



CONJUNTO HABITACIONAL JARDIM EDITE



INSTITUTO MOREIRA SALLES



PRAÇA DAS ARTES



SESC AVENIDA PAULISTA

e convivência aos moradores.

INSTITUTO MOREIRA SALLES

Arquitetura **Andrade Morettin Arquitetos/Vinicius Andrade | Marcelo Morettin | Renata Andrusis | Marcelo Maia Rosa**

O projeto da nova sede paulistana do IMS surgiu de um concurso realizado entre os principais profissionais da área. O programa provinha de uma análise qualitativa e quantitativa de diferentes usos possíveis, buscando conciliar um amplo acervo fotográfico, uma biblioteca vasta, um espaço expositivo flexível e um auditório.

O projeto vencedor desenvolvido por Andrade Morettin Arquitetos Associados trazia como traço determinante a relação entre o edifício e a cidade, tomando partido do lote de 20 x 50 metros. O volume do museu, encerrado por edifícios de cerca de 15 andares, apresenta um térreo livre marcado por uma escada monumental. A relação com a Avenida Paulista é propiciada por um andar intermediário que abriga os visitantes nesse trânsito entre o espaço público e as áreas expositivas.

EXPO MILÃO 2015 – PAVILHÃO BRASIL

Arquitetura **Arthur Casas / Alexandra Kayat | Gabriel Ranieri | Alessandra Mattar | Eduardo Mikko | Nara Telles | Pedro Ribeiro | Raul Cano**

O tema que desencadeou o projeto-proposta partia da ideia de alimentar o mundo com novas soluções ancoradas nos setores agropecuários brasileiros. Diante disso, os arquitetos buscaram um edifício vazado, conectado por redes e rampas que assumiam um caráter claramente lúdico e propiciavam uma imersão sensorial nos espaços do pavilhão. A estrutura em ferro de tons terrosos delinea esse grande volume aberto que

estabelece um percurso por entre as mais variadas espécies aqui cultivadas.

A ideia da rede flexível, fluida e descentralizada, surge como elemento central que remete à pluralidade do Brasil. Além disso, uma praça em diferentes níveis convidava ao encontro e à descoberta.

PRAÇA DAS ARTES

Arquitetura **Brasil Arquitetura - Francisco Fanucci | Marcelo Ferraz | Luciana Domellas | Marcos Cartum**

O antigo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, implantado no cerne de uma região degradada do centro da cidade, é um importante marco histórico e arquitetônico e abriga uma sala de recitais que há décadas estava inutilizada. O projeto Praça das Artes restaurou e reabilitou o Conservatório vinculando-o a um complexo de novas construções. A esse complexo foram adicionados espaços de convivência que hoje sediam as escolas e Corpos Artísticos do Teatro Municipal.

O novo conjunto integra as sedes das Orquestras Sinfônica Municipal e Experimental de Repertório, dos Corais Lírico e Paulistano, do Balé da Cidade e do Quarteto de Cordas. Abriga também as Escolas Municipais de Música e de Dança, o Museu do Teatro e o Centro de Documentação Artística, além de restaurantes, estacionamento subterrâneo e áreas de convivência.

SEDE DO SEBRAE NACIONAL

Arquitetura **Grupo SP / Alvaro Puntoni | Luciano Margotto | João Sodré | Jonathan Davies**

As características topográficas do terreno foram um dos principais condicionantes do

projeto para a sede do SEBRAE, buscando estabelecer forte relação com a paisagem de Brasília. O conjunto é articulado por uma praça interna que permite consonância entre o elemento edificado e seu entorno. Além da praça como elemento articulador, dois terraços dividem os principais programas e conectam o volume principal com o terreno natural que o circunda, destinado às áreas verdes permeáveis.

O programa divide-se em estratos. Na base do conjunto (terraços inferior e superior) encontram-se as funções coletivas, como centro de formação e restaurantes. As funções administrativas e o corpo diretivo estão concentrados nos pavimentos superiores. No subsolo estão organizadas a garagem e as atividades relacionadas à manutenção predial.

SESC AVENIDA PAULISTA

Arquitetura **Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados/Gianfranco Vannucchi | Jorge Königsberger**

Projetada nos anos 1970 por Sérgio Pileggi e Euclides de Oliveira, a torre comercial envidraçada que foi ocupada pela administração do SESC com atividades diversificadas hoje guarda pouco de seus traços originais. O projeto de Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados buscou tratar o antigo edifício não só dando uma nova roupagem à sua fachada, com generosos rasgos horizontais, mas também adequando seu espaço interno às múltiplas programações sediadas pelo SESC. Além disso, o espaço da cobertura, já tradicionalmente ocupado por uma cafeteria, passou a abrigar um mirante, ponto de interesse e de nova concentração de pessoas em uma das principais avenidas paulistanas. Com vista privilegiada, o espaço além de um projeto deslumbrante traz ao SESC uma gama variada de visitantes que buscam no mirante um novo marco na cidade.



EXPO MILÃO 2015 - PAVILHÃO BRASIL

SEDE DO SEBRAE NACIONAL



COMITÊ DE INDICAÇÃO DE PROJETOS



Com o objetivo de promover a participação de outras regiões brasileiras, maior diversificação quanto ao programa dos projetos inscritos e, também, com o intuito de incentivar a discussão sobre a produção arquitetônica nacional, foi instituído um Comitê de Indicação de Projetos formado por arquitetos, críticos e pesquisadores em arquitetura. Sua finalidade é indicar projetos de destaque, que possam ampliar o debate sobre a arquitetura contemporânea brasileira, para que participem da seleção do *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel*.

[CAMILA DA ROCHA THIESEN]

Formou-se em 2012 na FAU/UniRitter (Porto Alegre) e teve seu trabalho de graduação premiado nos concursos Opera Prima (24ª edição) e Archiprix International 2013. Em 2012 criou o Metropolitano Arquitetos, no qual se dedica a projetos em diversas escalas, incluindo participações em concursos de arquitetura – em seis deles, obteve a primeira colocação. Em 2013 foi Arquiteta do Ano – Jovem Profissional pelo Sindicato dos Arquitetos do Estado do Rio Grande do Sul (Saergs). Em 2018 participou da exposição *Walls of Air* (Pavilhão do Brasil) na Bienal de Arquitetura de Veneza, com

o projeto *Crossings*, que em 2019 será exposto na Embaixada do Brasil em Roma.

[DIEGO MAURO]

Arquiteto e urbanista graduado em 2012 pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também atuou como professor temporário de Projeto (2012), e mestre pela Universidade de São Paulo (USP). Integrante do Núcleo de Pesquisa e Curadoria do Instituto Tomie Ohtake e professor no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Ibirapuera (Unib).

[GABRIELA DE MATOS]

Arquiteta e urbanista, graduou-se em 2010 pela FAU da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e em 2016 especializou-se em Sustentabilidade e Gestão do Ambiente Construído pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É fundadora do projeto Arquitetas Negras e atualmente mapeia a produção de arquitetas negras brasileiras. Pesquisa o racismo estrutural e suas influências no planejamento urbano, a arquitetura contemporânea produzida na África e sua diáspora. Propõe ações

que promovem o debate de gênero e raça na Arquitetura como forma de dar visibilidade a essas e outras questões. Assina o editorial da *Revista Arquitetas Negras* (vol. 1), a primeira publicação feita por arquitetas negras no Brasil.

[GUILHERME PIANCA]

Arquiteto e urbanista (2012) e mestre (2017) pela Universidade de São Paulo (FAU-USP), trabalhou no MMBB Arquitetos (2008-2015) na área de edificações e planos urbanos, incluindo projetos com Paulo Mendes da Rocha, e atualmente dirige o escritório Pianca Arquitetura. Entre seus projetos destacam-se a reforma do térreo do IAB-SP (2017) em parceria com Gabriel Kogan, e a expografia (em parceria com Sabiá Arquitetos) da mostra *Paulo Mendes da Rocha: Le Regard* (Genebra, 2018), sob curadoria de Catherine Otondo.

[MARCELA ALONSO]

Arquiteta e urbanista graduada em 2013 pela Universidade de São Paulo (FAU-USP) e mestranda em gestão e políticas públicas pela Fundação Getúlio Vargas, atua como consultora em projetos de desenvolvimento urbano para o Banco Mundial e Cities Alliance, como pesquisadora e coordenadora de projetos no Urbem. Foi assessora técnica na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano em São Paulo e atuou como arquiteta nos escritórios Viglicca & Associados em São Paulo, e Office for Metropolitan Architecture, em Roterdã e Nova York.

JÚRI



TUMU OUTPACE

EXIT

Informational text on a small sign at the base of the model pedestal.

[HELENA AYOUB SILVA]

Arquiteta e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP, 1979), mestre (1998) e doutora (2005) em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. É sócia gerente e responsável técnico na Helena Ayoub Silva & Arquitetos Associados EPP, com experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, urbanismo, edifícios públicos e particulares, edifícios educacionais, restauro e preservação de patrimônio histórico. É professora doutora no Departamento de Projetos – Grupo de Disciplinas Projeto do Edifício, da FAU-USP, desde 1989. É autora dos livros: Restauro da Faculdade de Medicina: estudos, projetos e resultados (2013), com Julio Roberto Katinsky e Sabrina Studart Fontenele Costa, e Abrahão Sanovicz – arquiteto (2017).

[HÉCTOR VIGLIECCA]

Arquiteto e urbanista pela UDELAR (Montevideu, Uruguai), com pós-graduação em Urbanismo pela Università degli Studi di Roma. Fundador do Vigliecca & Associados, dispõe de vasta produção que abrange projetos de habitação de interesse social, arenas esportivas, edifícios institucionais e centros culturais, reurbanização e requalificação de espaços públicos. Entre seus principais projetos estão Parque Novo Santo Amaro V, Arena Castelão, Parque Olímpico de Deodoro, Anexo da Biblioteca Nacional, Sesc Nova Iguaçu e Operação Urbana Mooca Vila Carioca. Publicou os livros Hipóteses

do Real (2012), Arena Castelão – Governador Plácido Aderaldo Castelo (2014) e O Terceiro Território – habitação coletiva e cidade (2014).

[JOICE BERTH]

Arquiteta e urbanista pela Universidade Nove de Julho (SP), pós-graduada em Direito Urbanístico pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Autora do livro O que é Empoderamento? (2018), da coleção Feminismos Plurais, pesquisadora, colunista do editorial de justiça da revista Carta Capital, assessora parlamentar e comunicadora. Discute questões de raça/gênero nas redes e em palestras proferidas em diversos espaços, como escolas e empresas. Foi uma das palestrantes da Brasil Fórum UK em 2018, discutindo direito à cidade em Londres e Oxford.

[PEDRO VADA]

Arquiteto e urbanista pela Escola da Cidade (2008) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, é professor na Escola da Cidade e na Faculdade das Américas, e lecionou também no programa de pós-graduação da Fundação

Escola de Sociologia e Política (Fesp). É editor de projetos no site ArchDaily e em suas plataformas e diretor do IABsp, e desenvolve pesquisas e projetos urbanos com o setor público e privado, destacando-se as Prefeituras de São Paulo, São Bernardo do Campo e São José dos Campos, a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), Sabesp e Sesc.

[PRISCYLA GOMES]

Arquiteta e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), onde concluiu seu Mestrado em Teoria e História das Artes. É curadora associada do Instituto Tomie Ohtake e integra seu Núcleo de Pesquisa e Curadoria (NPC) participando, entre outras atividades, da coordenação de pesquisa e da concepção e júris dos Prêmios de Arquitetura e Design da instituição. Foi curadora das exposições Jamais me olharás lá de onde te vejo (2019), E para que poetas em tempos de pobreza? (2019), É como dançar sobre arquitetura (2017) e Eduardo Berliner: Corpo em muda (2016), entre outras. Em 2018, teve seu projeto curatorial selecionado como uma das propostas finalistas para a XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Desde 2015 coordena o Filming Architecture, workshop acadêmico itinerante sobre a relação entre cinema e arquitetura.

Contando com 391 projetos, sendo 282 profissionais e 109 universitários, a 6ª edição do *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel* trouxe ao júri os desafios de mapear o crescente número de inscrições e, também, fazer jus aos parâmetros do edital. A vocação do Prêmio, afinal, é ter em seus selecionados uma potente amostragem do que de mais inovador vem sendo produzido na arquitetura contemporânea brasileira.

O crescente número de inscrições implicava não somente uma questão numérica, pois expunha um maior engajamento de importantes escritórios da cena brasileira, cujos projetos usualmente são identificados como obras de extrema relevância no contexto nacional e internacional.

Se por um lado a inscrição desses projetos demonstrava o crescimento e a legitimidade do Prêmio, por outro nos colocava a urgência de uma tomada de decisão: traríamos somente esses projetos entre os dez selecionados, ou destacaríamos outras soluções?

Esse foi o ponto de partida do júri que buscou, primeiramente, ressaltar esses projetos, mas focando a seleção na análise minuciosa dos demais inscritos – critério inédito que buscava reforçar a vocação do Prêmio, de dar visibilidade a novas iniciativas e promover um mapeamento abrangente da produção brasileira. Uma vez que os projetos desses grandes escritórios já haviam participado em outros concursos e premiações, tendo sido publicados em diferentes meios, o júri optou por dar a eles o merecido destaque, mas sem deixar de apontar os novos caminhos, não tão conhecidos pelos jovens arquitetos e profissionais. O caráter de ineditismo e surpresa dessas outras iniciativas serviu de base para a seleção.

Algumas questões recorrentes voltaram a tematizar esta edição: como mapear projetos de localidades brasileiras profundamente diversas? Como ter equidade de gênero entre os premiados? Como apostar em propostas que explicitem algum tipo de ousadia, considerando-se o já instituído “padrão” da arquitetura brasileira? A dimensão da ousadia se reflete não somente no caráter do projeto, inovador na solução, seja ela programática ou formal. Ser ousado no contexto brasileiro é saber produzir e inventar com poucos recursos, problematizar impasses que vivemos cotidianamente em nossas cidades e pensar a tecnologia com base em materiais simples, prosaicos.

Foi com esse parâmetro que chegamos à seleção final e aos três projetos premiados. É importante ressaltar que abdicamos da ideia de “primeiro, segundo e terceiro colocados”. Esses projetos funcionam como um conjunto, em que traços diferentes complementam nossa visão do que deve ser um ponto de partida para a arquitetura brasileira.

Nesse recorte temos: (a) uma residência executada com o mais minucioso dos acabamentos, com a exploração do uso da cor em diferentes materiais para proporcionar deleite e surpresa aos seus moradores; (b) uma escola com programa detalhado para os diferentes usos e desafios do que deve ser um espaço de formação e convivência; (c) uma instalação temporária realizada em espaço público do Rio de Janeiro, surpreendente pelas diferentes questões suscitadas com gestos muito precisos.

“A praia e o tempo” foi tema de extensa discussão nesta edição. A instalação surgiu como parte de um Festival, com o objetivo de abrigar uma espécie de palco aberto a apresentações na região praieira carioca. Em termos práticos, a instalação é bastante concisa: configura-se por uma estrutura quadrilátera de 31 x

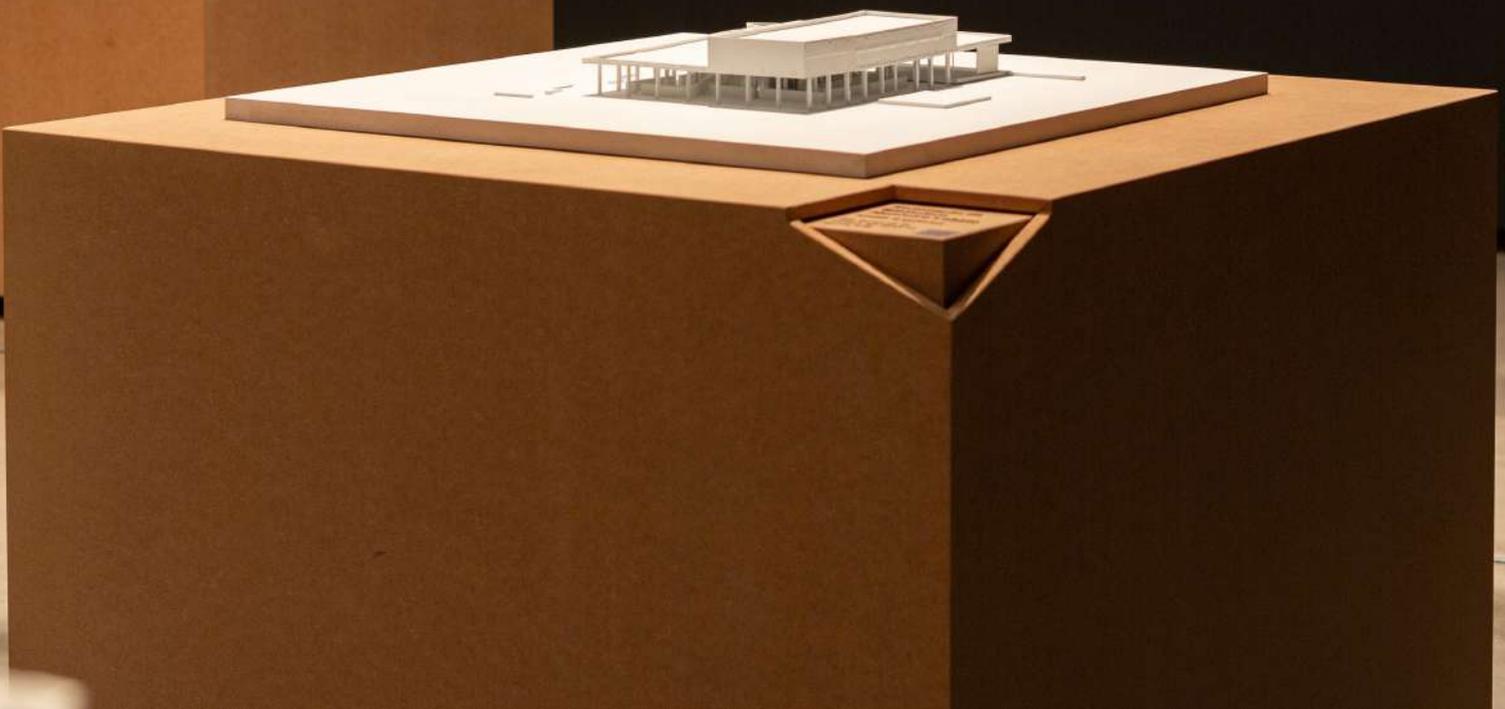
31 metros e 50 centímetros de altura, que demarca a área de apresentações e, ao mesmo tempo, serve como plateia aberta e área de descanso para o público. O centro da instalação traz um orifício, fruto de um desenho na topografia: a remoção da areia permite que, com ao movimento das marés, uma pequena área abrigue uma espécie de fonte, espelho d’água em torno da qual as pessoas se sentam, conversam, dançam e trocam experiências. Seu caráter efêmero e adaptável reconfigura o espaço pelas mais distintas ações – de seus usuários ou da própria maré –, que geram constantemente novos desenhos topográficos na paisagem. A instalação nos remete às praças históricas que concentravam, já nos pequenos vilarejos, uma área de estar – recurso cada vez mais escasso para promover encontros em cidades como nossas metrópoles. Em espaços mediados pelo consumo, encontramos os amigos e os estranhos sempre ao tomar um café, uma cerveja, sem muitas situações em que nos sentamos apenas para ver o tempo passar.

Não à toa, “A praia e o tempo” acontece no Rio de Janeiro, cidade que nos prende pela exuberância da sua paisagem, mas que tem sido ocupada cada vez mais pela lógica do quiosque, do guarda-sol alugado, do serviço personalizado de atendimento. Temos assim um espaço de estar que é, também, uma espécie de teatro de arena. Seu desenho mínimo delimita algo que parece não delimitável: uma porção íntima da praia diante de imensidão da geografia carioca.

HELENA AYOUB SILVA, HÉCTOR VIGLIECCA, JOICE BERTH, PEDRO VADA E PRISCYLA GOMES

Júri do 6º Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel





Premiações e concursos sempre são, queiramos ou não, mostras reveladoras de uma realidade, como uma fotografia fria e crua sobre a qual devemos repensar nossas atitudes e nossas críticas. O enfrentamento da dificuldade de encontrar um critério de seleção capaz de abarcar um universo amplo e variado da produção de arquitetura trouxe ao júri uma não menos difícil e complexa tarefa: a comparação e avaliação de projetos extraordinários – já premiados e reconhecidos –, de arquitetos de valor indiscutível, com projetos de arquitetos iniciantes. Essa impossibilidade de comparações e avaliações justas levou o júri à decisão de não considerar os projetos renomados nesta premiação.

No contexto geral pude observar – na diversidade dos projetos – iniciativas voltadas à construção mínima, mas que, no entanto, terminam por cair na armadilha de confundir expressões minimalistas com pobreza de raciocínios. Poucos aportes na busca do equilíbrio entre o artesanal e o industrial, e entre passado e futuro; e poucas formulações entre as tendências utópico–progressistas e arcádico–conservadoras, nas reflexões sobre o equilíbrio de novas formas de viver. Também me pareceu curiosa a quantidade considerável de projetos residenciais de todos os tamanhos, o que me leva a pensar quais desses trabalhos estariam além do simplesmente doméstico, ou seja, além do atendimento ao programa solicitado; quantos estariam expressando o drama do habitar contemporâneo e seu significado. No entanto, a grande maioria são apenas exercícios formais sobre a representatividade social do ocupante, quase todos usando uma linguagem modernista excessivamente saturada de efeitos espetaculares e pouca reflexão. Sem reflexão não é possível nos situarmos, nem mesmo nos direcionarmos.

O que dizer, então, sobre o que fazer?

Com base em minha avaliação, gostaria de comentar os trabalhos que considero merecedores de destaque pelo espírito na matéria:

- *Projeto Escola Beacon*, de Andrade Moretin

Boa articulação de volumes e de espaços, e uma grafia ausente de modismos modernistas.

- *Projeto Capela em Sacromonte*, de MAPA

Uma ideia forte numa verdadeira síntese, que escapa das fórmulas óbvias e dos formalismos vazios. Um resultado emocionante.

- *A Praia e o Tempo*, de Pedro Varela

A instalação é uma brisa de frescor na produção desta premiação, a manifestação de uma atividade espiritual, é a consciência metafísica em oposição a uma atividade formal ou espetacular. Um verdadeiro manifesto onde se constrói um vazio, uma ágora virtual instigante.

- *Casa 239*, de Una Arquitetura

O projeto brilha pelo constructo, não surge a partir de uma preocupação exclusivamente formal, resulta de uma leitura do local precisa, sensível e sem nenhuma concessão a externar uma imagem de poder social. Esta arquitetura transmite sabedoria.

Entendo que a categoria “Universitários” é a mais importante, porque nos indica por intermédio dos projetos a ansiedade de transformação da realidade com utopias – as ideias primárias, viscerais e desprendidas. Na categoria dos estudantes se destacam vivamente projetos utópicos e progressistas e com fortes valores coletivos, que comento a seguir:

- *Infiltração*, de Daniel Disitzer Serebrenick, Mariana de Sales Mello, Matheus Lima Rodrigues e Rodrigo Vieira Delfino

Exercício difícil que consegue um resultado eficiente, formulando espaços urbanos de grande valor social, criando um novo sentido do coletivo.

- *Paisagem no Tempo*, de Camila Tuyama

O valor do trabalho está em provocar uma reflexão, algo de que tanto carece o exercício de nossa arquitetura, sem necessidade de arroubos formais. Um alívio para nosso intelecto e um prazer nas manobras de interpretação das intervenções.

- *Morro da Viúva*, de Eduardo Romano e Bruno Bins

Ideia brilhante que incorpora uma construção histórica e uma geografia. Reconnecta uma leitura inusitada para a região, com estrutura de madeira

bem elaborada e um interessante percurso pedestre de leitura do entorno.

- *Ladeira da Misericórdia*, de Leonardo Filippo e Pedro Brito

Ideia simples e sensível sobre o lugar, modificando a leitura urbana.

A ideia de um lugar para o lazer evidenciando a topografia sem recursos alheios

ao contexto.

- *Da ocupação se faz a arquitetura*, de Francisco Lucas Costa Silva

O valor e a coragem de interferir na cidade numa escala difícil e sobre um assunto extremamente pertinente, conseguindo dar nova vitalidade a uma área da cidade que está perdendo vida, aumentando o adensamento e a intensidade das atividades, configurando assim uma nova cartografia.

- *Telas, Luzes, Mutações*, de Gleici Sangregorio

Transformar a cidade num acontecimento de luz e imagens, uma ideia de concepção original e densidade urbana como espetáculo de movimento

que acrescenta valores urbanos inesperados.

Por fim, cabe ressaltar que a iniciativa do Instituto Tomie Ohtake nos proporciona um panorama e uma oportunidade de refletir sobre os caminhos possíveis em meio ao clima de obscurantismo em que estamos vivendo. Se nos remetermos a 1942, em plena ocupação alemã de Paris, teremos o aprendizado de Le Corbusier, que “trabalha diariamente com velas, sem telefones nem calefação, na poeira do ateliê abandonado da rua de Sèvres, nº 35”, na elaboração do “Modulor”, pensando e antecipando quase o impossível: a futura reconstrução da Europa. É essa abstração intelectual surpreendente que nos inspira a olhar para esta premiação e seus participantes como uma brisa de saúde intelectual.

HÉCTOR VIGLIECCA



Na sexta edição do *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel* (2019) os organizadores propuseram uma importante alteração, incorporando a categoria “Universitários. Dessa maneira, se por um lado estão apresentados projetos e obras construídos no cenário da arquitetura contemporânea, por outro lado temos propostas de projetos de estudantes de arquitetura com temática predefinida: “Revitalização, Requalificação, Renovação”. Com características de ensaios acadêmicos, essas propostas ofereceram grande pluralidade de respostas às questões demandadas. No que se refere à categoria “Profissionais”, houve 282 inscrições de 17 estados e do Distrito Federal. Arquitetos de diferentes faixas etárias (de 31 a 40 e acima de 80 anos) enviaram projetos, a maior parte dos quais oriundos da região Sudeste (o que, em certa medida,

reflete a distribuição dos profissionais pelo país) e de tipologia majoritariamente residencial unifamiliar. Alguns projetos consagrados pela crítica nacional ou internacional – ou mesmo já premiados – foram submetidos ao certame. A comissão de avaliação reconheceu o mérito desses trabalhos, entendendo a importância de manifestar esse posicionamento e apresentando para divulgação trabalhos inéditos. A oportunidade de observar esse grande número de projetos nos permite ampliar a reflexão sobre a produção contemporânea da arquitetura sem os filtros da crítica especializada. Não foi fácil analisar 282 propostas com base no material apresentado. Foram consideradas questões que indicassem as relações com o sítio de implantação – a cidade –, que fizessem

transparecer seu comprometimento social, seu entendimento do significado da sustentabilidade em seu mais amplo alcance, assim como a resolução das questões formais e construtivas. Na categoria “Universitários” houve 109 inscrições de 17 estados e do Distrito Federal, em sua maioria das regiões Sul e Sudeste. O interesse, como já salientado, recaiu na diversidade de reflexões apresentadas frente ao tema “Revitalização, Requalificação, Renovação”. Com essa nova categoria o *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel*, a produção arquitetônica contemporânea amplia o debate já consagrado nas outras edições do evento, possibilitando a reflexão sobre a solução das questões colocadas em si, mas também oferecendo um panorama do que se vem discutindo nas Escolas de Arquitetura no país.

HELENA AYOUB SILVA



Foi um processo de imersão muito plural, de integração espontânea. O processo de seleção foi bem democrático, respeitou as leituras pessoais e afetivas que cada um trouxe sobre o que considera boa arquitetura. Alguns projetos tiveram aprovação unânime, mas houve preocupação com o equilíbrio: priorizaram-se novos talentos que, em geral, nesses concursos acabam sufocados pelo prestígio (merecidamente) consolidado de alguns nomes.

Eu costumo me ater a projetos que apresentem uma proposta social explícita. Os projetos de residência ainda são muito expressivos e indicam que o/a arquiteto/a brasileiro/a tem pouco espaço institucional para mostrar talento. Isso é muito ruim, já que deixamos

escapar a possibilidade de ter, nos espaços das cidades, obras que falem sobre nossa realidade, sobre nossa cultura.

Nos projetos – tanto os selecionados como os que ficaram de fora – há pouco diálogo com nossa realidade. Mesmo entre aqueles que trazem a sustentabilidade como partido arquitetônico, são poucas as propostas que fogem aos elementos construtivos tradicionais e experimentam, por exemplo,

o bambu ou outras possibilidades construtivas. Nota-se, também, escassez na abordagem decolonial, pois as propostas esquecem nossas informações ancestrais, indígenas e negras, na composição estética dos projetos. Podemos ir além nessa questão e pensar que seja necessária uma “deseuropeização” da nossa arquitetura, pelo menos nas futuras propostas e produções.

Senti falta, também, de uma aderência maior de mulheres como

propositoras, pois ainda são poucas. É importante criar condições para que as mulheres – que são maioria na profissão – se sintam estimuladas a participar. Isso poderia se expressar pela adoção de uma temática específica – ponto levantado, aliás, em nossa conversa preliminar: que se estabelecesse um ponto de partida, o que facilitaria o trabalho, tanto do júri quanto dos participantes. Seria bom pensar, ainda, em estímulos que tensionem a participação majoritária do eixo Rio-São Paulo, abrindo caminhos para a pluralidade regional. É reducionista pautar um concurso de arquitetura com a escolha de primeiro/segundo/terceiro lugares, já que não há parâmetros para definir o que é melhor. Todos os projetos avaliados traziam diálogos e propostas, resultando em uma grande celebração da arquitetura brasileira contemporânea, mas os destacados foram aqueles que mais reverberaram a comunicação das aspirações e tendências futuras.

JOICE BERTH





Vemos claramente a necessidade de ampliar o campo de debate sobre a prática arquitetônica contemporânea, não apenas sobre a prática autônoma, mas também considerando as potentes adversidades de nosso país. Partindo de tal premissa, encaro a realização deste prêmio e o desafio colocado pela equipe do Instituto Tomie Ohtake o terreno propício para essa demanda. Durante a conversa do júri para definir a lista de obras selecionadas, vimos a necessidade de entender alguns critérios que dão significado ao Prêmio. Diversos argumentos levantados nos levam a perceber que sua mais importante característica é a possibilidade de agrupar projetos das mais diversas naturezas e compará-los em termos da própria reflexão projetual, montando assim um panorama. Esse critério, a reflexão, define muito bem a escolha das obras nesta edição que, dentro das alternativas, apresenta a rica discussão feita pelo júri e certa diversidade pretendida, mesmo que ainda tímida, de regiões do país e de gêneros. Cabe perceber, diante de tal timidez, que a produção arquitetônica, geralmente reconhecida como a representante da boa qualidade, ainda está concentrada no Sudeste brasileiro e, na maioria das vezes, feita por homens brancos. Isso não é novidade e nos faz repensar: de qual boa qualidade estamos falando? Afinal, as obras enviadas de outras regiões – onde as condições de produção são certamente mais precárias, investimentos em obras públicas são escassos, as relações de trabalho são perversas e diversas outras questões sociais determinam o “sucesso” da empreitada – inibem

os olhares descuidados em reconhecê-las de fato como boas. Temos ainda a bizarra desigualdade de oportunidades de projetos para homens e mulheres, ou entre pessoas brancas e negras. Esses argumentos deveriam nos fazer pensar na condição para que um ou outro projeto seja de fato premiado, ampliando assim nossa reflexão em outros termos que não os padrões determinados em outros prêmios, ou seja, por programa da edificação. Por que os programas arquitetônicos ainda são colocados como categorias de prêmio? Quais são as discussões que ainda precisam ser estabelecidas ao analisar os programas separadamente? Por que uma residência unifamiliar não pode ser comparada lado a lado com um grande edifício institucional, quando a crítica está calcada na reflexão da prática arquitetônica? Entendo, óbvio, que certas peculiaridades são próprias de cada programa, mas qual o limite da exaustão nessa discussão programática? Quando a proposta do Instituto Tomie Ohtake é criar um mapeamento da produção contemporânea, me parece necessária a crítica considerando a perspectiva social do país. Não apenas do programa social da própria obra, mas aspectos e condições de sua produção. Assim, vejo que a lista de obras selecionadas expressa essa discussão colocada, não apenas nas reflexões propostas por cada projeto, mas também em cada argumento necessário para manter ou retirar alguma obra dessa seleção.

PEDRO VADA



Desde a primeira edição do *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel*, venho atuando em sua concepção junto à equipe do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake. Tarefa um tanto árdua, mas também prazerosa, que a cada ano desvela novos desafios à problematização da prática arquitetônica contemporânea.

Desenvolver um prêmio de arquitetura não se trata de proposta inédita no Brasil. São variados os exemplos de iniciativas institucionais que buscam destacar os mais diferentes programas arquitetônicos e seus agentes. Quando nos propusemos tal tarefa no Instituto Tomie Ohtake, colocamos no horizonte a possibilidade de realizar uma premiação distinta das consolidadas, tomando como norte não só a ausência de categorias programáticas, mas também critérios de avaliação que nos pudessem dar maior liberdade de escolha entre as diferentes iniciativas. Tinha-se claro de antemão que os parâmetros de mapeamento de tendências e produções já consolidadas estavam mais do que legitimados, e dar abertura a novas propostas ainda era um território inexplorado. Desse introito é que surgiu a proposta de conferir ao júri a autonomia de, tendo por base o panorama geral de inscritos na edição, estabelecer um ou mais critérios majoritários. Esses critérios acabaram por se tornar, a cada edição, uma espécie de tema ou recorte que apontava aos profissionais e estudantes do campo algumas das urgências de nossa prática profissional. Alguns balanços desses júris tiveram fechamentos mais ou menos otimistas, mas continuamos, ano após ano, carentes de problematizações incisivas e plurais das questões urbanas brasileiras. Óbvio que isso não sinalizava a total ausência de propostas com esse

caráter, pelo contrário, algumas foram premiadas e destacadas por sua excelência e premência. Mas, numericamente, elas refletiam também a escassez de nossas políticas públicas, ainda um tanto tímidas e norteadas por caracteres muito especulativos.

Se por um lado o Prêmio foi assumindo seu viés de anualmente realizar um prolífico panorama da produção nacional, por outro apontava também para essas deficiências. Sobretudo no caso de projetos urbanísticos, o percentual de projetos inscritos era gritantemente menor que o das residências unifamiliares de alto padrão.

Outro aspecto de grande relevância na análise foi que, embora com recorrentes esforços de publicização da premiação e com a proposta de realizar um panorama nacional, ainda se destacava a majoritária produção arquitetônica proveniente do Sudeste.

Assumimos então uma importante diretriz: trazer realmente a produção brasileira com uma abordagem territorial, não somente calcados nas legitimadas e premiadas vertentes paulista e carioca de nossa arquitetura. Rio e São Paulo foram e ainda são polos de fecunda produção e discussão, mas a descentralização mostrava-se não somente necessária, mas também tardia como ponto de problematização. Para atenuar essa centralização marcante, formou-se a Comissão de Indicação de Projetos buscando uma instância de pesquisa e mapeamento mais efetiva, convidando escritórios a inscreverem seus projetos.

Abro um parêntese com esse breve histórico da premiação e de seus júris por acreditar que, embora ele não traga diretamente as discussões apresentadas nesta edição, é de extrema relevância para o entendimento de certas posturas tomadas pelo júri neste ano. Do ponto de vista daquela que atua não apenas na concepção interna do processo, mas também na interlocução com os profissionais convidados, esses anos parecem ter amadurecido certas posturas que ecoaram nas escolhas dos atuais selecionados. Indiretamente, os projetos nos propiciaram profundas reflexões

acerca do campo, de suas carências e, principalmente, acerca da difusão e visibilização desses trabalhos e autores. Se por um lado havia claramente uma vertente estético-formal predominante, que conferia aos projetos um leque de materiais e partidos um tanto similares – o que muitas vezes colocou ao júri uma homogeneização demasiada entre as propostas –, por outro lado, questões como a representatividade regional, de gênero, racial e de jovens profissionais apareciam como determinantes na escolha dessa cartografia trazida na exposição sediada no Instituto e apresentada neste catálogo.

As carências na visibilização desses autores refletem sobretudo uma dinâmica social em que as bases de produção estão distantes dos profissionais recém-formados em regiões com menos ingestão de capital, se comparadas com as ainda majoritárias nas inscrições. Além disso, o percentual de mulheres reconhecidas como responsáveis e autoras nos escritórios ainda é acachapantemente inferior ao de estudantes e formadas. Isso para não falar dos índices de preconceito e acesso à formação que restringem a presença de negros em nossas escolas e, por consequência, resultam em sua pouca representatividade em concursos e premiações. Com base nessas discussões, o júri desta edição optou por destacar e também conferir diferente peso a projetos que já possuem visibilização e excelência reconhecidas. O propósito não é recusar seu efetivo e justo reconhecimento, mas abrir espaço a esse amplo espectro de projetos e atores que precisam ser notadamente analisados. Com o ineditismo de trazer duas mulheres entre seus premiados, este júri me parece ser, antes de tudo, um marco: para se construir um panorama efetivo da produção brasileira não é possível abdicar de nossos índices sociais. Ressaltar as dificuldades e também a sabedoria com que nossos profissionais lidam com esses problemas é um papel necessário a qualquer profissional e instituição brasileiros.

PRISCYLA GOMES

MODOS DE VER, MODOS DE EXPOR: DIFERENTES ENFOQUES

O início dos anos 1930 marca a gestão de Alfred Barr, historiador estadunidense à frente do então recém-fundado Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Sob o propósito de dar cara ao museu e legitimar a produção norte-americana no cenário internacional, sua direção trouxe uma série de mostras com caráter provocador e acompanhadas por publicações ancoradas em escritos de importantes teóricos do período.

Buscando estabelecer parâmetros de uma arte moderna, a arquitetura e o *design* foram elencados por Barr como motes igualmente relevantes de investigação (assim como a fotografia e o cinema), rapidamente legitimados e disseminados apesar de um momento de crise da disciplina, cujos autores investigavam novos caminhos e proposições.

O departamento curatorial de arquitetura e *design* no MoMA foi o primeiro a reconhecer e incorporar vertentes do movimento moderno, e nesse sentido desenvolveu, desde a década de 1930, centenas de exposições. O caráter fortemente experimental de suas exposições marcou já a primeira mostra de arquitetura do museu, intitulada *Exposição Internacional de Arquitetura Moderna* (9 de fevereiro a 23 de março de 1932), que focava nomes como Frank Lloyd Wright, Walter Gropius, Le Corbusier, Mies van der Rohe, Raymond M. Hood e Richard J. Neutra.

A originalidade dessa exposição não somente refletia-se na escolha do tema

e dos colaboradores – foi Lewis Mumford um dos convidados a pensar um dos núcleos curatoriais, acerca da habitação moderna –, mas estendia-se aos recursos expográficos que pretendiam aliar ao ideário moderno a alcunha de movimento inovador e também popular.

Não à toa, a mostra do MoMA escolheu como objetos expográficos fundamentais dois elementos: a fotografia e, principalmente, a

maquete.

A primeira delas provinha do cerne do próprio museu, com um departamento específico que buscava dar o devido peso à tradição da fotografia estadunidense, calcada em divulgar expoentes do século XX. A segunda se aliava a uma tradição bauhausiana de valorização do modelo volumétrico como elemento de estudo e representação que ganhou, na referida mostra, um destaque de absoluta proeminência. As salas expositivas traziam ao centro maquetes de obras como a Villa Savoye, de Le Corbusier, que norteavam a apreensão, pelo visitante, da produção do arquiteto.

Mas por que, então, abordar hoje uma exposição paradigmática dos prenúncios do moderno? A pergunta serve como motivo para nos aproximarmos da dinâmica das discussões do Grupo de Trabalhos, responsável pela elaboração do desenho desta edição do *Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel*. A cada ano o Grupo discute os limites e as potencialidades dos meios usuais de representação da arquitetura, testando possibilidades de arranjo e de compilação dos dados relacionados a cada projeto.

Um aspecto se tornou o motor das discussões neste ano. Era consensual a nossa crença de haver explorado extensivamente o desenho como meio de representação ao longo das edições anteriores do Prêmio, favorecendo a penetração de sua legibilidade entre um público especializado. Recorremos a diferentes suportes – desde croquis mais simplificados a modelos renderizados – para promover, junto à documentação fotográfica, uma aproximação com o público geral. Mas, inquestionavelmente, eram os modelos volumétricos que nos traziam maior retorno em visitas e nas oficinas da nossa equipe de educadores.

Foi a partir dessas considerações que designamos a maquete como elemento central desta edição, buscando estabelecer um percurso dentre os diferentes detalhamentos e partidos construtivos.

Nossa referência contemporânea imediata foi o Pavilhão Brasileiro da Bienal de Veneza (Reporting From The Front), realizado em 2016. Não obstante a tímida presença dos modelos volumétricos, o Pavilhão

ordenava-se pela presença de inúmeros cartazes destacáveis com dados complementares de cada projeto apresentado. A ideia nos pareceu convidativa e, junto a referências históricas basilares, conseguimos conferir o devido destaque aos modelos volumétricos, à fotografia e aos cartazes. Com duas possibilidades de imersão totalmente distintas, o visitante encontra no espaço expositivo uma primeira vivência dos projetos, atendo-se a relações entre escalas, elementos compositivos e implantação. Num segundo momento, o cartaz pode lhe possibilitar uma apresentação mais detida dos elementos projetuais mais marcantes.

A escolha do exemplo da mostra paradigmática de 1932, aliada a um experimento recente na expografia relacionada à arquitetura, surge neste ensaio como forma de circunscrever uma pesquisa e uma práxis que vêm

se consolidando paulatinamente no decorrer dos anos de realização deste Prêmio. A convicção de que a arquitetura de exposições é fundamental no processo de apreensão, e que as decisões projetuais dela derivadas respondem diretamente à conceituação de uma mostra e à experiência do visitante, traz a este Prêmio uma camada suplementar: a de que os modos de expor constroem narrativas determinantes em resposta aos questionamentos de nossa disciplina. Por intermédio da eleição e do tensionamento de diferentes meios representacionais da arquitetura, o Grupo de Trabalhos propõe um caráter experimental inédito no circuito brasileiro.

PRISCYLA GOMES

arquiteta e curadora associada do Instituto Tomie Ohtake

LUCAS FABRIZIO

arquiteto e coordenador de montagem de exposições do Instituto Tomie Ohtake

RODOLFO BORBEL PITARELLO

produtor e assistente de montagem de exposições do Instituto Tomie Ohtake



[PROJETOS DE RECONHECIDA EXCELÊNCIA | FICHA TÉCNICA]

CASA DE FINAL DE SEMANA EM SÃO PAULO

Arquitetura **SPBR** Arquitetos Angelo Bucci, autor principal|Nilton Suenaga|Tatiana Ozzetti|Ciro Miguel|Eric Ennser|João Paulo Meirelles de Faria|Juliana Braga|Fernanda Cavallaro|Victor Próspero Localização São Paulo, SP Data do projeto 2010 Data da obra 2014 Área do terreno 269,50 m² Área de projeto 183,40 m² COLABORADORES Estrutura Ibsen Puleo Uvo Fundações Apoio Assessoria e Projeto de Fundações/José Luiz de Paulo Eduardo Sondagem Engesolos Engenharia de Solos e Fundações Instalações JPD Projetos de Instalações/Jairo Paixão Daniel|Joel Paixão Daniel|Jamir Paixão Daniel|Jaime Paixão Daniel Filho Paisagismo Raul Pereira Iluminação Reka/Ricardo Heder Arquiteto responsável pela obra José Antonio Queijo Felix Construção Theobaldo Bremenkamp|Reinaldo Francisco Ramos [Renner] Marcenaria Móveis AEME/Agostinho Alves Moreira Serralheria Carlos Augusto Stefaní [Tatão] Vidros STW vidros/Ivan Fontenele Fotos Nelson Kon

CONJUNTO HABITACIONAL JARDIM EDITE

Arquitetura MMBB / H+F arquitetos/Eduardo Ferroni|Fernando de Mello Franco|Marta Moreira|Milton Braga|Pablo Hereñú Localização São Paulo, SP Data do projeto 2010 Data da obra 2018 Área do terreno 18.000 m² Área de projeto 25.714 m² COLABORADORES Arquitetura Eduardo Martini|Marina Sabino|Giovanni Meirelles|Cecília Góes|Gleuson Pinheiro|Adriano Bergemann|André Costa|Maria João Figueiredo|Nana Rocha|Tiago Girao|Guilherme Pianca|Giselle Mendonça|Eduardo Pompeu|Tammy Almeida|Joel Bages|Natália Tanaka|Diogo Pereira|Gabriel Rocchetti|Thiago Benucci|Mariana Puglisi|Luca Mirandola|Thiago Moretti|Bruno Nicolielo|Renan Kadomoto Coordenador SEHAB Luis Fernando Arias Fachini Construção Kallias Fotos Nelson Kon

INSTITUTO MOREIRA SALLES

Arquitetura Andrade Morettin Arquitetos/Vinicius Andrade|Marcelo Morettin|Renata Andruis|Marcelo Maia Rosa Localização São Paulo, SP Data do projeto 2011 Data da obra 2017 Área do terreno 1.000 m² Área de projeto 8.662 m² COLABORADORES Coordenadores Adriane De Luca|Raphael Souza Arquitetura Carlos Eduardo Miller|Eduardo Miller|Felipe Fuchs|Fernanda Carlovich|Fernanda Mangini|Gabriel Sepe|Jaqueline Lessa|Melissa Kawahara|Tina Niessner Estagiário Daniel Zahoul Coordenador do empreendimento Canal e Musse|Eng. José Luiz Canal Equipe de supervisão de obras, colaboradores José Leandro da Silva|Camila Lazzar Estrutura Ycon Engenharia|GOP Fundações Moretti Engenharia Consultiva Elétrica LZA Engenharia Fachada Front Inc.|Grupo Galtier Climatização Greenwatt Consultores de Energia Segurança contra incêndio GPIC|LZA Engenharia Automação, telecomunicação e audiovisuais GPIC Legislação Urban Arquitetura Acústica Harmonia Acústica|Akkerman|Holtz Luminotécnica Peter Gasper & Associados|Lux Projetos Impermeabilização PROASSP Project Management and Consulting Elevadores Empro Comércio e Engenharia em Transporte Vertical Segurança Fleury Consultores Programação visual Quadrado|Dea Design Restaurante e café Walderez Nogueira Soluções Gastronômicas Construção All'e Engenharia Pintura Paint Consult|Walter Adoglio Jr Museologia Álvaro Razuk Desempenho ambiental e eficiência

energética Andrea Vosgueritchian Estrutura Ycon|Yopanan Rebello Fundações Geraldo Moretti|Cláudio Woll Hidráulica, elétrica e ar condicionado Grau|Douglas Cury Acústica Gustavo Nepomuceno Luminotécnica Carlos Albert Kaiser Conservação Ilo Codognotto Legislação Sílvia Helena Vídeo Bijari Fotos Nelson Kon

EXPO MILÃO 2015 – PAVILHÃO BRASIL

Arquitetura Arthur Casas Localização Milão, Itália Data do projeto 2014 Data da obra 2015 Área do terreno 4.133 m² Área de projeto 3.674 m² COLABORADORES Coautores Alexandra Kayat|Gabriel Ranieri|Alessandra Mattar|Eduardo Mikowski|Nara Telles|Pedro Ribeiro|Raul Cano Coordenação do projeto Alexandra Kayat Coautoria e coordenação de design de interiores Renata Adoni Arquitetos colaboradores Arnault Weber|Fernanda Müller|Rodrigo Tamburus|Daniel Vianna|Juliana Matalon Exibição de cenografia Atelier Marko Brajovic Construtora Ing. E. Mantovani Curadores Rony Rodrigues|Eduardo Biz Consultores SP Project (Estrutura)|Maneco Quindere (Iluminação) Fornecedor Nuova Defim Orsogríl (Grelha Metálica)|Ravaioli Legnami (Deck)|Ceramiche Caesar (Piso de Porcelanato)|Erreci (Marcenaria)|Amorim/Tecnosugheri (Cortiça)|Kompan + Officium + Corocord (Rede) Fotos Fernando Guerra|Jonathan Chicaroni|Filippo Poli|Filippo Tagliabue

PRAÇA DAS ARTES

Arquitetura Brasil Arquitetura – Francisco Fanucci|Marcelo Ferraz|Luciana Dornellas|Marcos Cartum Localização São Paulo, SP Data do projeto 2006 Data da obra 2019 Área do terreno 7.210 m² Área de projeto 28.500 m² COLABORADORES Coautores Cícero Ferraz Cruz|Fabiana Fernandes Paiva|Anselmo Turazzi|Carol Silva Moreira|Anne Dieterich|Beatriz Marques de Oliveira|Felipe Zene|Fred Meyer|Gabriel Grispum|Gabriel Mendonça|Victor Gurgel|Pedro Del Guerra|Thomas Kelley|Vinicius Spira Estagiários André Carvalho|Júlio Tarragó|Laura Ferraz Desenho para publicação Bruno Veiga|Victor Maitino Fotos Nelson Kon

SEDE DO SEBRAE NACIONAL

Arquitetura Grupo SP – Alvaro Puntoni, Luciano Margotto, João Sodré, Jonathan Davies Localização Brasília, DF Data do projeto 2010 Data da obra 2010 Área do terreno 10.000 m² Área de projeto 25.000 m² COLABORADORES Arquitetura Amanda Spadotto|Cristina Tosta|Camila Obniski|Daniela Pochetto|Fabiana Cyon|Flavio Castro|João Carlos Yamamoto|José Paulo Gouvêa|Juliana Braga|Luis Claudio Dias|Rafael Neves|Roberta Cevada Estagiários André Nunes|Julia Valiengo|Julia Caio|Isabel Nassif|Rafael Murolo|Raphael Souza Luminotécnica Ricardo Heder Paisagismo Fernando Magalhães Chacel|Sidney Linhare|CAP Consultoria Ambiental Paisagística Ltda. Estrutura Jorge Zaven Kurkdjian|Julio Fruchtingarten|Jairo Fruchtingarten|Roberto Fruchtingarten|Kurkdjian & Fruchtingarten e Engenheiros Associados S/C Ltda. Hidráulica/Elétrica Wang Mou Suong|Ulisses Tavano|PHE Engenharia de Projetos Hidráulicos e Elétricos Ltda.|Roberto Chendes|Situare Arquitetura e Engenharia Climatização Eizo Kosai|Thermoplan Engenharia Térmica Ltda.|Ecoeficiência|Luiz Carlos Chichierchio|Juliette Haase de Azevedo|Ambiental

Consultoria Ltda. Automação/Segurança predial/Áudio e vídeo Roberto Luigi Bettoni|Aires Craveiro|Victor Vainer|Bettoni Automação e Segurança Ltda. Impermeabilização Virginia Pezzolo|PROASSP Assessoria e Projeto Ltda. Transporte vertical Moacyr Motta|EMPRO – Comércio e Engenharia em Transporte Vertical Ltda. Orçamento Mauro Zaidan|Nova Engenharia Ltda. Painel artístico Ralph Gehre Maquete Gaú Manzi|Fabio Gionco|José Paulo Gouvêa Construtora contratada via licitação Termoeste S/A Construções e Instalações Responsáveis técnicos pela obra Oranor Borges de Castro/Eng. Mecânico|Vinicius Freitas de Castro/Eng. Civi|Carlos Borges Guimarães/Eng. Civil|Rosangela Nunes de Almeida/Eng. Eletricista|Pedro Henrique de Oliveira/Eng. Eletricista|Fernando Vahia Terzella/Eng. Civil|Bruno Bassel Massouh/Eng. Civil Fotografia Nelson Kon

SESC AVENIDA PAULISTA

Arquitetura Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados/Gianfranco Vannucchi|Jorge Königsberger Localização São Paulo, SP Data do projeto 2007 Data da obra 2018 Área do terreno 1.195,50 m² Área de projeto 11.962,38 m² COLABORADORES Arquitetura Carla Estrella|Vera Tusco|Karina Kohutek|Isadora Citrín|Liliane Caparelli|Rafael Cavalheiro|Caio Morenghi|Albert Sugai|Sandra Dellarole|Daniel Port Acústica Harmonia Acústica Ar condicionado Thermoplan Comunicação visual O2 Cenotécnica Gustavo Siqueira Lanfranchi Conforto térmico Daltrini Granado Cozinha Nucleora Planejamento Esquadrías Nelson Firmino da Silva Consultoria|Arqmate Estrutura Kurkdjian e Fruchtingarten Engenheiros Fachadeiro Worker Fundação MAG Luminotécnica Estudio Carlos Fortes Luz Paisagismo Albuquerque Arquitetura Piso de madeira Xylema Sonorização Crysalis Produtos Audio e vídeo AVM Construção Omar Maksoud Fotos Pedro Vannucchi

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente
Ricardo Ohtake

Núcleo de Pesquisa e Curadoria
Paulo Miyada coordenador
Diego Mauro
Luana Fortes
Luise Malmaceda
Priscyla Gomes
Theo Monteiro

Produção
Vitoria Arruda diretora
André Luiz Bella
Carla Ogawa
Carolina Brunelli
Carolina Pasinato
Isabela Bevilacqua
Karina Mignoni
Lucas Fabrizzio
Rodolfo Borbel

Administra o e Finanças
Roberto Souza Lero Veiga diretor executivo
Bruno Damaceno
Carlito Oliveira Junior
Fabiana Cristina de Almeida
Joseilda Concei o
Moises Silva Mello
Renk Rossignol
Willian dos Santos

Negócios e Comunica o
Ivan Lourenzo diretor

Negócios
Flavio Silva
Kelly Lima
Henrique Lourenzo

Comunica o
Eloise Martins
Ricardo Miyada audiovisual
Arthur Taques e Silva aprendiz

Núcleo de Cultura e Participa o
Felipe Arruda diretor
Agata Takiya
Amanda Porto
Bruno Ferrari
Claudio Rubino

Divina Prado
Elisabeth Barboza
Emol
Fernanda Beraldi
Isadora Borges
Isadora Mellado
Jane Santos
Jordana Braz
Julia Cavazzini
Luara Alves De Carvalho
Lucia Abreu Machado
Maiara Paiva
Maurício Yoneya
Melina Martinho
Natália Vinhal
Natame Diniz
Patricia Limeira
Pedro Costa
Priscila Menegasso
Rafa Kennedy
Thiago Zati
Victor Constantino

Design Gráfico
Monica Pasinato
Camila Noriko Ueki
Nazareth Bacos

Assessoria de Imprensa
Pool de Comunica o
Marcy Junqueira
Martim Pelisson
Ana Junqueira

Informática
André Biacca

Documenta o e Compras
Marcos Massayuki Sutani
Gustavo Luiz da Silva Pereira aprendiz

Projetos
Beatriz Lina

Secretaria
Deolinda Correia de Almeida
Maria de Fátima da Silva Rocha

Coordena o Operacional
Alexandre Lopes Pereira supervisor
Adilson Oliveira da Silva
Aroldo Esa Oliveira
Camila Gonz lves Lira
Carolina Neres da Costa Silva

Chcera Medeiro Fontro
Daniel Soares de Souza
Edmilson Pereira da Silva
Edson José Dias
Elcio Borges
Elizandro Ferreira de Souza
Elza Martins Santos
Everton Alves de Oliveira
Fábio Antonio de Araujo
Gilmar Batista Ribeiro
Jacildo Antonio de Paula
Jairo do Nascimento
Jessé de Souza Silva
Luciene Maria Monteiro
Marcelo Mariano de Oliveira
Marina Neves de Souza
Moises Silva Mello
Orlando Rodrigues Ferreira
Pedro Mario Costa
Raiana Ramos dos Santos
Silvia Regina de Melo
Silvio dos Santos Lima
Valdir Ramos da Silva
Wagner Antonio Barbosa
Wellington Araujo de Lima

EXPOGRAFIA

Coordena o
Vitoria Arruda

Projeto Expogr fico
Lucas Fabrizzio
Priscyla Gomes
Rodolfo Borbel

Montagem
Elias Joaquim da Silva
Fábio Campanhola
Jeferson Silva
Ricardo Soares

Ilumina o
Marcos Cicerone

CATÁLOGO

Coordena o
Vitoria Arruda
Carolina Pasinato

Karina Mignoni

Projeto Gráfico
Monica Pasinato
Camila Ueki

Desenhos (padroniza o)
Thiago Zati

Fotografia
Ricardo Miyada

Textos
Priscyla Gomes

Revisão
Armando Olivetti

Impressão
BMF Gráfica

6  PRKMIO DE ARQUITETURA
INSTITUTO TOMIE OHTAKE AKZONOBEL

Coordena o
Felipe Arruda
Agata Takiya

Produ o
Thiago Zati

Assistência de Produ o
Victor Constantino

Comitê de Indica o de Projetos
Camila Thiesen
Diego Mauro
Gabriela de Matos
Guilherme Pianca
Marcela Alonso

Pr -Sele o de Projetos
Agata Takiya
Thiago Zati

Júri
Helena Ayoub Silva
Héctor Vigliecca
Joice Berth
Pedro Vada
Priscyla Gomes

Este catálogo foi publicado por ocasião da exposi o Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel, realizada no Instituto Tomie Ohtake, de 18 de outubro a 1 de dezembro de 2019.

  Instituto Tomie Ohtake
INSTITUTO TOMIE OHTAKE
Complexo Ach  Cultural
Av. Faria Lima, 201 - Entrada pela R. Coropi s, 88
Pinheiros - Sro Paulo | (11) 2245-1900
www.institutotomieohtake.org.br
institutotomieohtake.org.br
2019

Dados Internacionais de Cataloga o na Publica o (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prêmio de arquitetura 2018: Instituto Tomie Ohtake Akzonobel/
organiza o do Instituto. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2018.

ISBN: 978-85-53190-03-4

Vários colaboradores.

1. Arquitetura-Brasil 2. Arquitetura-Exposi es-Catálogos
3. Arquitetura contemporânea 4. Prêmio de Arquitetura AkzoNobel
18-20530 CDD-720

 ndices para catálogo sistemático:
1. Arquitetura: Exposi es: Catálogos 720
2. Catálogos: Exposi es de arquitetura 720